

**DISCURSOS CONSERVADORES  
E IDENTIDADES NA SÉRIE “SEX EDUCATION”**

*Vitória Ranner Pinheiro Pereira* (UERN)

[vitoriaranner@gmail.com](mailto:vitoriaranner@gmail.com)

*Joyce Caroline de Sousa* (UERN)

[joyce.if10@gmail.com](mailto:joyce.if10@gmail.com)

*Guianezza Mescherichia de Góis Saraiva Meira* (UERN)

[guianeezasaraiva@uern.br](mailto:guianeezasaraiva@uern.br)

**RESUMO**

A Educação Sexual é discutida em diferentes cenários sociais, podendo ser rotulada como libertária ou conservadora. É sabido que uma Educação Sexual pautada em tabus contribui para o retrocesso, que, por sua vez, é marcado pela desinformação e por situações consequentes dela. Diante do exposto, o presente trabalho tem como objetivo discutir os conflitos que permeiam a construção da identidade feminina, no que diz respeito às questões sexuais, oriundos das construções sociais que emergem de um dado discurso político, centrado em uma cultura machista e patriarcal. Para tanto, o arcabouço teórico foi guiado pelos estudos de Foucault (1996) e Orlandi (2005), no que tange à Análise do Discurso, bem como as noções de identidade de Bauman (2005), além das abordagens de Del Priore (1990/2003) sobre as condições sociais da mulher. Os dados sugerem que a pesquisa é qualitativa-interpretativa, cujo corpus de análise foi o seriado “Sex Education”, mais especificamente os discursos da protagonista Aimee. Os resultados comprovam a importância de falar sobre a Educação Sexual no ambiente acadêmico, considerando a sua nítida contribuição para a construção da identidade feminina, bem como as rupturas de alguns paradigmas enraizados que corroboram para a regressão social e o aprisionamento pessoal.

**Palavras-chave:**

Conservadorismo. Identidade Feminina. “Sex Education”.

**ABSTRACT**

Sex education is discussed in different social settings and can be labeled as libertarian or conservervative. It's well known that sexual education based on taboos contributes to regression, which in turn is marked by misinformation and by situations that result from it. Given the above, this study aims to discuss the conflicts that permeate the construction of female identify, with regard to sexual issues, arising from social constructs that turn a given political discourse, centered on a sexist and patriarchal culture. Therefore, the theoretical framework was gulled by studies of Foucault (1996) and Orlandi (2005), with regard to discourse analysis, as well as the notions of identify of Bauman (2005) beyond the approaches of Del Priore (1990 and 2003) on the social conditions of women. The data suggest that the research is qualitative-interpretative, whose corpus of analysis was the series “Sex education”, more specifically the speeches of the protagonist Aimee. The results prove the importance of talking about sexual education in the academic environment, considering it's great contribution to the

construction of female identify, as well as the ruptures of some embedded paradigms that contribute to social regression and personal imprisonment.

**Keywords:**

**Conversatism. Female Identify. Sex Education.**

## **1. Introdução**

É sabido que a sociedade está em constante transformação. A cada dia surgem mudanças, evoluções e descobertas que contribuem para o progresso dos seres sociais. Contudo, existem alguns aspectos sociais que, apesar das modificações, foram enraizados e, com isso, persistem em várias culturas. Tais pontos são reflexos, principalmente, de discursos conservadores, reproduzidos por setores ideológicos, que exercem um poder dominante no meio social.

Dentre esses pontos, pode-se destacar a construção social acerca da sexualidade, visto que esse paradigma, construído diante do debate em torno das questões sexuais, cria um tabu das questões ligadas ao conhecimento de si e do outro, corroborando para um bloqueio na construção identitária, assim como em uma sujeição das ações do outro, devido ao escasso acesso a esses conhecimentos.

Nesse cenário, as discussões acerca da sexualidade, no âmbito escolar, ganham, cada vez mais, uma maior repercussão, considerando que é a escola o ambiente onde o indivíduo, quase sempre, constrói suas primeiras relações sociais fora do setor familiar e, conseqüentemente, abrange os seus conhecimentos de mundo. Entretanto, a pauta a respeito da Educação Sexual no âmbito escolar é vista como inaceitável, do ponto de vista de boa parte da sociedade, seja ela conservadora ou não.

Mediante ao exposto, o presente trabalho tem como objetivo discutir acerca da importância da Educação Sexual no ambiente acadêmico, para a colaboração na construção da identidade do sujeito feminino, bem como o seu posicionamento diante dessas questões, visto que a pauta da sexualidade é ainda mais ocultada quando voltada para as mulheres. Para tanto, será utilizado o método de pesquisa qualitativo-interpretativista, cujo *corpus* de análise se constitui de cenas de uma das principais personagens do seriado “Sex Education”.

Em linhas gerais, os resultados sugerem uma mulher reprimida, vítima de construções discursivas materializada em ações de uma sociedade machista, que segue transformando, constantemente, a sua identidade.

de, bem como questionando o seu lugar no mundo, enquanto sujeito ativo.

## **2. *Análise do Discurso de Linha Francesa: reflexões teóricas introdutórias***

Compreender a língua em uma perspectiva objetiva, cuja única função seria estabelecer a comunicação entre os sujeitos, contribui para uma abordagem limitada da linguagem, pois exclui todas as motivações exteriores aos elementos linguísticos e, conseqüentemente, os sujeitos inseridos no campo social. Nesse cenário, a Análise do Discurso de Linha Francesa surge como uma ruptura diante dessa visão mecanizada, considerando que a linguagem se constitui, principalmente, através de um conjunto de fatores oriundos de práticas sociais, em que o discurso é seu objeto de análise. Sendo assim, é importante salientar o que caracteriza, em si, um discurso.

Partindo de um conceito etimológico, pode-se entender o discurso como percurso, algo que está em movimento (ORLANDI, 2005), o que nos remete a uma ideia da linguagem real e dinâmica, materializada em seus diferentes contextos, sentidos e significados, atribuídos pelos sujeitos, de formas singulares e de acordo com as motivações semânticas, pragmáticas, ideológicas, dentre outras, que compõem o processo sócio-discursivo. Nessa perspectiva, de acordo com Orlandi (2005, p. 15), “a Análise do Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social.” E ainda acrescenta que

[...] a Análise de Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (ORLANDI, 2005, p. 15-16)

Desse modo, é notória a relevância em perceber a língua articulada aos diferentes usuários, dada a relação existente entre os sujeitos e os seus discursos, visto que estes são os produtos da construção ideológica, que é moldada a partir das interações sociais dos indivíduos. Afinal, “(...) como diz M. Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (ORLANDI, 2015, p. 17).

Para Foucault (1996), a questão do discurso é nada mais que ordens ao qual somos impostos, sem sequer nos defendermos; e se formos

contra essa ordem, seremos tachados como loucos ou algo análogo. Nesse sentido, pode-se dizer que o discurso exerce uma ordem de poder que nos torna “reféns” das nossas próprias construções.

Diante desse cenário, surge também a noção do sentido e suas relações com o discurso, em que Orlandi (2005, p. 26) visa a compreensão de “como os objetos simbólicos produzem sentidos, analisando assim os próprios gestos de interpretação que ela considera como atos no domínio simbólico, pois eles intervêm no real sentido”. Porém, é relevante destacar que esses sentidos não são fechados, pois a sua produção é concebida a partir das construções formadas na linguagem em circulação, a partir das interações sociais, que acaba acarretando, assim, em diferentes e diversas possibilidades de produção de sentidos.

### ***2.1. Discurso político: a materialização do conservadorismo político no discurso e seu poder de influência***

Há uma ideia preconcebida que limita a política a conceitos fechados, como se ela fosse, apenas, alvo de interesses de autoridades políticas e objetos de discussões nas eleições, a cada dois anos, de modo geral. Engana-se, pois, quem pensa desta forma, visto que a política está inserida em todos os setores da sociedade. Baseando-se em seu conceito epistemológico, a política refere-se aos interesses da cidade/estado, isto é, envolve a todos os sujeitos inseridos em um meio específico. Nessa perspectiva, pode-se fazer uma relação direta entre a política e o discurso, visto que ambos permeiam a sociedade, simultaneamente, pois a política e o discurso coexistem (CHARAUDEAU, 2008).

Charaudeau (2008, p. 8) define o discurso político como sendo “um jogo de máscaras. Toda palavra pronunciada no campo político deve ser tomada ao mesmo tempo pelo que ela diz e não diz”. Nessa perspectiva, pode-se entender a noção da política pautada em um jogo de intenções, moldadas através de identidades refletidas em imagens de acordo com o que se quer alcançar.

Paralelo a isso, de acordo com Foucault (1996),

O discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que se manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo; é visto que isto a história não cessa de nos ensinar- o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, poder do qual podemos nos apoderar. (FOUCAULT, 1996, p. 10)

Dessa forma, é nítida essa relação com o discurso político, visto que este é moldado a partir das relações de interesse que se estabelecem no campo sócio-discursivo. Nesse viés, o que está em questão não é apenas as relações entre os sujeitos, em si, mas as construções identitárias do coletivo, que visam uma causa em comum e, também, atribuem ao sujeito político, uma imagem do que se espera conseguir.

### **3. Noções gerais sobre a construção da identidade: o sujeito como produtor de sentidos próprios**

Durante o seu percurso histórico, enquanto seres sociais, o indivíduo está sempre buscando a compreensão de si, assim como o seu lugar na sociedade, visando, assim, à construção de pontes com o outro, a fim de moldar os valores e as características construídas a partir das relações existentes na produção discursiva. Nesse cenário, surge a noção de identidade, que se concretiza quando o sujeito busca o seu “eu” e o seu lugar no mundo. Dessa forma, a ideia de “identidade” nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o “deve” e o “é” e erguer a realidade ao nível dos padrões estabelecidos pela ideia – recriar a realidade à semelhança da ideia (BAUMAN, 2005. p. 26).

Além disso, o autor ainda fundamenta que existe a multiplicidade das identidades, quando diz que,

Uma identidade coesa, firmemente fixada e solidamente construída seria um fardo, uma repressão, uma limitação da liberdade de escolha. Seria uma incapacidade de destravar a porta quando a nova oportunidade estiver batendo. (BAUMAN, 2005, p. 60)

Ou seja, as identidades precisam ser construídas, mas também precisam ser reconstruídas nos cenários sociais, para só assim não ficarem perdidas no tempo e no espaço. Mas, para que isso aconteça, deve existir resistência em meio às repressões estatais, quebrando barreiras dos setores que se consideram imutáveis. Nesse sentido, a busca por novas identidades acarretará em novos papéis e em novos posicionamentos, diante da repressão imposta pela sociedade.

Bauman (2005), ainda acrescenta que

[...] tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age - e a deter-

minação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para “identidade”. (BAUMAN, 2005, p. 17)

Diante dessa perspectiva, essas múltiplas e distintas identidades, caracterizadas por Bauman (2005), estabelecem relações entre o eu, enquanto sujeito, e a busca de si, das diferentes formas, dentro das diversas situações na sociedade. Dessa forma, é notório que existe uma relação entre o sujeito, como ser coletivo, e o grupo social inserido. Ademais, Orlandi (2007) considera

[...] o sujeito não como o indivíduo, a pessoa em si, [...], mas um sujeito constituído em um espaço social e ideológico, sua voz revela seu lugar social, expressando um conjunto de outras vozes que fazem parte dessa realidade”. (ORLANDI, 2007, p. 74)

### ***3.1. Identidade feminina e representações sociais: as relações de poder imbricadas nos discursos***

Em primeira instância, é relevante destacar que existem dois contrapontos na sociedade: um que, de fato, é ocupado pelos homens e o outro, com muita luta, tenta ser ocupado pelas mulheres, tendo em vista que, “desde muito tempo a sexualidade feminina tem sido historicamente definida em relação à masculina” (LOURO, 2010, p. 28). Ou seja, as classes femininas almejam seu lugar de fala nas sociedades, a construção das suas próprias identidades como seres iguais.

Acerca disso, Bauman (2005) ratifica que

[...] a “identidade” só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais - mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente ocultada. (BAUMAN, 2005, p. 22)

Mediante o exposto, é inegável que, apesar dos esforços das mulheres, os grupos conservadores tentam rebater tudo que consideram como “ameaça”, na medida em que essas identidades de oposição aceitam para o movimento constante (WEEKS, 2010, p. 35).

Contudo, é fato que a cada novo posicionamento vindo de vozes femininas, renovam-se também, “(...) os apelos conservadores, buscando novas formas, sedutoras e eficientes de interpelar os sujeitos e engaja-los ativamente na recuperação de valores e de práticas tradicionais” (LOU-

RO, 2010, p. 22). Com isso, percebe-se que, ao longo dos anos, existem transformações diante do cenário e dos discursos inseridos, e elas afetam, de forma direta e indireta, a busca por essa construção identitária. Nesse sentido, é notória essa representação nos discursos, sejam em casos reais ou fictícios.

Baseado nisso, será analisado, adiante, os discursos presentes na construção de uma das principais personagens da série “Sex Education”, visando às motivações que determinaram a sua construção identitária, no que se refere às questões da sua sexualidade.

#### **4. Muito além da ficção: “Sex Education” e a representação feminina sob a ótica do conservadorismo discursivo**

“Sex Education” é uma série original da plataforma *Netflix*, com produção britânica, criada por Laurie Nunn, em que são abordadas diversas temáticas presentes na sociedade, ligadas aos jovens, em especial as questões sobre educação sexual, bem como a sua importância social e em como trabalhá-la no campo escolar. Desde a sua estreia, em 2019, a série conduz uma linguagem que conversa tanto com o público jovem, quanto com o adulto, por abordar de forma profunda, e ao mesmo tempo leve, assuntos do cotidiano, sejam eles do meio escolar ou não.

Inicialmente, a série narra a história de Otis, aluno novato do ensino médio da *Moordale High*, caracterizado como um adolescente inexperiente sexualmente e com inúmeros tabus, apesar de ter uma mãe terapeuta, com especialidade na área sexual. Otis tem a imagem de um jovem reprimido sexualmente, mas percebe que além dele a maioria dos alunos, que estudam na mesma escola, também tem a mesma imagem e, ou, questões sexuais sem resposta. Com isso, ele busca uma forma de poder ajudar seus amigos, a partir de uma proposta da sua amiga Maeve, que precisa de ajuda financeira.

A partir disso, ele passa, então, a usar os conhecimentos teóricos adquiridos pela convivência com sua mãe, Jean, para ajudar seus colegas de escola sobre questões e tabus sexuais, exercendo a função de “terapeuta” e cobrando pelos conselhos dados. Dessa forma, o principal objetivo da série é discutir o interesse dos alunos de *Moordale High*, acerca das questões sexuais, mostrando os impactos negativos de não os abordar. E, embora a instituição educacional, presente na série, seja fictícia, as temáticas e os tabus mostrados se assemelham com qualquer outra instituição

existente na realidade, fora da ficção.

No decorrer dos episódios, percebem-se diversos casos e questões sexuais levantadas pelos alunos da escola, ao irem à procura dos conselhos de Otis, conselhos esses que vão desde questões biológicas, como o vaginismo, até os mecanismos psicológicos, como a busca pelo orgasmo feminino e masculino. Percebe-se, também, que a instituição não viabiliza as aulas de Educação Sexual para seus alunos, além de mostrar a repressão sobre o assunto, tanto por alguns professores, quanto pelo diretor. Isso fica ainda mais nítido quando a mãe de Otis é convocada para dar aulas sobre educação sexual no colegial, a partir de uma histeria coletiva dos alunos, por causa de um suposto surto de clamídia – Infecção Sexualmente Transmissível – dentro da instituição. É relevante perceber que o fato mostra o quanto a falta de informações pode confundir, assustar e levar à tomada de atitudes equívocas.

Segundo Foucault (1988, p. 80-81), essa “repressão” perpassa os muros das instituições e, vem das relações de poder enraizadas na história. Eis alguns de seus traços principais:

A relação negativa [...]: rejeição, exclusão, recusa, barragem ou, ainda, ocultação e mascaramento. O poder não ‘pode’ nada contra o sexo e os prazeres, salvo dizer-lhes não; se produz alguma coisa, são ausências e falhas; elide elementos, introduz discontinuidades, separa o que está junto, marca fronteiras. Seus efeitos tomam a forma geral do limite e da lacuna.

A instância da regra: o poder seria, essencialmente, aquilo que dita a lei, no que diz respeito ao sexo. O que significa, em primeiro lugar, que o sexo fica reduzido, por ele, a regime binário: lícito e ilícito, permitido e proibido. Em seguida, que o poder prescreve ao sexo uma "ordem" que funciona, ao mesmo tempo, como forma de inteligibilidade: o sexo se decifra a partir de sua relação com a lei. E, enfim, que o poder age pronunciando a regra [...].

O ciclo da interdição: não te aproximes, não toques, não consumas, não tenhas prazer, não fales, não apareças; em última instância não existirás, a não ser na sombra e no segredo. Sobre o sexo, o poder só faria funcionar uma lei de proibição [...].

A lógica da censura: (a)afirmar que não é permitido, (b)impedir que se diga, (c)negar que exista. Formas aparentemente difíceis de conciliar. Mas é aí que é imaginada uma espécie de lógica em cadeia, que seria característica dos mecanismos de censura: liga o inexistente, o ilícito e o inofensivo de tal maneira que cada um seja, ao mesmo tempo, princípio e efeito do outro [...].

Diante do exposto, percebe-se que a repressão está inserida em todos os meios sociais, e na série não seria diferente, pois retrata de for-

ma fictícia o que acontece em sua forma real, mostrando que em muitos casos a repressão é tamanha, que passa a ser considerada como algo “normal”, principalmente pelas mulheres, considerando as marcas históricas presentes em seus discursos, construídas a partir do que é caracterizado como socialmente “correto”, refletindo em uma falta de conhecimento do que é, de fato, conveniente e justo.

Mediante a essas considerações, serão analisadas, em seguida, o percurso de uma das protagonistas de “Sex Education”, a partir de situações enfrentadas por ela no decorrer da série, que interferem, diretamente, nos conflitos em relação à identidade que ela busca construir. A relevância de se estudar a personagem Aimee, portanto, foi percebida e destacada em dois momentos: o primeiro se deu na primeira temporada, mais precisamente no terceiro episódio, em que a personagem vai à procura dos seus desejos mais íntimos, buscando o autoconhecimento; e, posteriormente, no segundo momento, quando ela é abusada sexualmente em um veículo público, causando diversos traumas na personagem. Percebe-se, com isso, que a personagem, apesar de ficcional, é tão real quanto qualquer mulher inserida na sociedade, marcada pelas construções do discurso patriarcal e machista.

#### ***4.1. Os conflitos sociais e a construção da identidade feminina: Aimee e as marcas de um discurso opressor***

A personagem Aimee, apesar de não ser a principal da série “Sex Education”, será o foco da análise. Ela é uma garota de dezesseis anos e faz parte do grupo dos populares da escola, apesar de não se encaixar muito bem nele, e por aí já se conclui o motivo de algumas atitudes da personagem, pois é notória, no desenvolvimento da série, que ela é cheia de padrões enraizados pelas marcas do discurso patriarcal, mas que também reproduz a imagem que se espera das meninas “populares”.

O objeto da análise se constrói passando por dois casos, um em cada temporada, que chamam a atenção de quem assiste à série. O primeiro deles aconteceu na primeira temporada, no sexto episódio. Na cena, Aimee, durante uma relação sexual com o seu namorado, Steve, faz algumas perguntas a ele, referentes ao ato, em que ela quer saber se ele quer ejacular em seu rosto ou em seus seios. Steve, surpreso com a atitude, responde que não e questiona se é realmente isso o que ela deseja, deixando-a cheia de dúvidas sobre o que, de fato, queria, além de também deixá-la confusa, já que jamais havia sido questionada quanto ao

que ela gosta, nessas ocasiões.

Nesta cena, percebe-se que Aimee, enquanto mulher, se vê como objeto de prazer sexual do homem, cuja única preocupação é satisfazê-lo, fazendo perguntas que podem ser consideradas como fetiches não dela, mas de algum ex parceiro ou, até mesmo, vestígios de uma ideia construída socialmente acerca do que, de fato, agrada aos homens. Segundo Del Priore (2013, p. 141), “em todas as culturas, a mulher é objeto de desejo”. Dessa forma, nota-se que Aimee é o reflexo da representação das mulheres na sociedade, mulheres identificadas pelo corpo, como objeto-fetichê de consumo. Ademais, Del Priore (1990) ainda acrescenta que

O corpo feminino era também objeto de consumo de mínimos prazeres sexuais. O desejo sexual erigia-se como um apanágio exclusivo dos homens, atributo, aliás, confirmado pelo grande número de emissores de um discurso sobre o corpo da mulher, não havendo lugares para falas femininas sobre a sua própria sexualidade. (DEL PRIORE, 1990, p. 200)

Nessa conjuntura, a cena em que Aimee mostra suas dúvidas e receios diante do seu próprio corpo e dos seus desejos é uma cena retratada por inúmeras mulheres que não sabem o que responder quando alguém questiona sobre o que lhes instiga para sentir prazer, além de considerar a relação sexual como uma atividade de prazer exclusivamente masculino.

Mais adiante, Aimee decide procurar ajuda de Otis, para pedir-lhe um conselho, e este, então, lhe indica a masturbação como forma de autoconhecimento pessoal para, assim, chegar as suas próprias definições do que ela realmente gosta. A reação de Aimee, de início, é de choque, pois ela entende o ato sugerido como estranho. Porém, apesar de permanecer com a ideia de repressão ao se tocar, ela tenta se masturbar. Neste momento, pode-se identificar a surpresa da personagem ao se tocar e sentir o que nunca sentiu antes: o prazer sexual.

Em suma, é fato que a masturbação entre mulheres ainda é um tabu, visto que essa prática é considerada como algo normal para homens, apenas. Segundo Del Priore (2013),

As mulheres do século XVIII lembram as mulheres do século XXI: Criadas em um mundo patriarcal e machista, não conseguem se enxergar fora do foco masculino. Vivem pelo olhar do homem, do ‘outro’. (DEL PRIORE, 2013, p. 5)

Dessa forma, a personagem Aimee é a representação dessas mulheres que, ao longo dos anos, não se enxergam pelos seus próprios olhos, mas pelos olhos de uma sociedade constituída por privilégios

exclusivos aos homens. Entretanto, ao descobrir seus desejos e prazeres, ao longo da primeira temporada, ela firma seu autoconhecimento sexual e autoafirmação pessoal como um todo. Isso também ocorre na busca pela aceitação do seu próprio corpo.

#### **4.2. A construção do socialmente “normal” e o assédio sexual: o machismo impregnado nos discursos e suas implicações na fragmentação identitária**

Mais adiante, todo esse caminho pelo qual Aimee trilhou para chegar à aceitação e conhecimento de si, perderá a força a partir de uma situação que ocorreu na segunda temporada, entre os episódios três e sete. No terceiro episódio, que seria apenas mais um dia da rotina na vida da personagem, acontece algo que marcará ela durante toda a sua trajetória. Aimee pega o ônibus para ir à aula, como de costume. Esse estava lotado e ela levava um bolo para comemorar o aniversário da sua amiga, Meave, quando, de repente, se depara com um homem parado atrás dela, e percebe que ele está se masturbando. E apesar de ela gritar no ônibus relatando o ocorrido, ninguém a ajuda. Então, ela pede que o motorista pare o ônibus e então, ao descer, ela para por um momento, se dando conta do que aconteceu: o homem havia ejaculado nela. Apesar disso, ela segue a caminho da escola.

Ao chegar na escola, ela entrega o bolo para sua amiga, que o nota em pedaços e, então, Aimee diz: “não parecia tão ruim antes, mas eu estava no ônibus e um cara se masturbou na minha perna, na hora eu fiquei um pouco chocada, sabe?! E, acabei esmagando o bolo”; no instante que ela fala isso para Meave, ela pergunta “O quê?”, sem acreditar no ocorrido e na forma natural que sua amiga fala. Então, Aimee volta a falar sobre o ocorrido e pergunta “Acha que vai manchar? Eu adoro essa calça.” Quando Meave, então, diz para ela denunciar o homem, ela responde: “Tudo bem, ela foi barata e acho que ele devia tá solitário ou não batia bem da cabeça, é bobeira! Eu tô bem, é sério”.

Com isso, Maeve insiste que a amiga denuncie o rapaz; mas a personagem se mostra resistente, a princípio, à ideia de abuso sexual, lidando com a situação como algo “natural”, e só percebe a proporção da situação quando Maeve a leva para denunciar e ela começa a ser questionada pelos policiais, e, conseqüentemente, se sentindo culpada por todo o ocorrido. Convém mencionar, também, que o tempo necessário para que a personagem perceba que havia sido violada e que aquele episódio a

estava privando de viver com tranquilidade, a impedindo de realizar tarefas simples do dia a dia, como pegar um “ônibus estúpido” ou usar roupas justas e decotadas, como ela comumente gostava, expõe como nem sempre é de imediato que temos reações para impedir aquilo que nos incomoda, ofende e, ou, oprime, e que a forma como a sociedade enxerga os assédios como “instintos naturais” ou culpabilizando a vítima, acaba contribuindo para uma resistência maior, também, em expor.

Além disso, Aimee começa a ter alucinações com o molestatador, gerando um bloqueio com qualquer tipo de contato físico com homens, inclusive com o seu namorado, além de preferir ir a pé até à escola, por não conseguir mais pegar o transporte público. Então, depois de um tempo, no penúltimo episódio da segunda temporada, em que todas as personagens femininas, principais, estão reunidas e discutindo, ela conta como se sente, em um relato emocionante.

A partir do depoimento de Aimee, todas as meninas presentes relatam alguma experiência de assédio, além de apoiarem a colega diante da situação em que ela se encontra e, com isso, ela vai conseguindo superar aos poucos o trauma vivido. Esta cena, pois, nos promove uma reflexão mediante a nossa realidade social, visto que o discurso patriarcal enraizado persiste sendo reproduzido, através de atitudes grosseiras, que deveriam ser repudiadas, mas que são tratadas como “naturais”.

## **5. Considerações finais**

Mediante a essas discussões, é relevante salientar que o discurso é o produto das relações existentes entre os seres sociais, construídos por meio das configurações que permeiam os diferentes campos da linguagem. Partindo dessa premissa, é notória a importância da Análise do Discurso de Linha Francesa no que se refere ao conhecimento acerca dos propósitos existentes por trás dos enunciados, bem como das motivações que levaram esses sentidos a serem construídos, além das suas consequências implicadas socialmente.

A partir da análise aqui apresentada, portanto, pode-se verificar uma forte noção de verossimilhança entre a personagem da série e a figura social feminina, considerando os papéis sociais exteriores à ficção, visto que muitas mulheres sofrem de sujeições, reproduzidas através do discurso opressor, que permeiam a sociedade.

Diante disso, é nítida a importância de falar sobre sexualidade

na esfera escolar, pois os adolescentes, raramente, teriam o primeiro contato com os conhecimentos do corpo humano, como também da sua autodefesa quanto às sujeições impostas socialmente, em um lugar mais propício. Se Aimee, por exemplo, não fosse tão moldada a padrões enraizados socialmente, no que se refere, principalmente, ao desconhecimento de si e dos seus direitos, teria relevado a atitude do assediador? E, conseqüentemente, precisado da ajuda da sua amiga para reconhecer tal abuso?

Nesse contexto, é de suma imprescindibilidade ressaltar as marcas deixadas no sujeito feminino, a partir de uma situação de assédio sexual, que acarreta em inúmeras sequelas que comprometem a construção da identidade, fazendo com que este sujeito, que é assujeitado aos discursos machistas, se torne apenas mais um com marcas, que irão interferir na sua construção enquanto ser social.

Entretanto, é essencial que se enfatize uma coisa: essa repressão em abordar a sexualidade na escola se dá, também, por uma concepção equivocada do que seria, de fato, Educação Sexual, pois muitas pessoas entendem como um campo do conhecimento que irá nortear as práticas sexuais, mas não. Educar alguém sexualmente é, antes de tudo, prepará-lo para o processo de autoconhecimento e, conseqüentemente, para a construção de um “eu” que tem o seu lugar no mundo, construído a partir dos seus interesses e suas concepções.

Em linhas gerais, a Educação Sexual, articulada à educação escolar, pode favorecer o conhecimento acerca dos direitos, dos reais interesses e das visões diante desse conteúdo, contribuindo para a construção do conhecimento de si e, conseqüentemente, das intenções do outro. Para tanto, é inegável a necessidade da presença de uma política pública voltada para o tratamento específico das pessoas que são vítimas de uma produção arcaica e opressora, pois tratar as noções da sexualidade e autoconhecimento é, antes de tudo, uma questão política que favorece a sociedade como um todo.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. 2. ed. São Paulo-SP: Unesp, 1990.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. 13. ed. Rio de Janeiro-RJ: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MILANEZ, Nilton. BORGES, Carla Luzia Carneiro. ALVAREZ, Palmira Heine. *Na rede do discurso: diálogos e rupturas*. 1. ed. Juiz de Fora-MG: Garcia, 2019.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso*. 6. ed. Campinas-SP: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas-SP: Unicamp, 2007.

SILVA, Pedro Henrique Cruz de O. SATLER, Lara Lima. Representações de minorias em séries da Netflix: estudo sobre o personagem Eric da série Sex Education. *Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste*. Goiânia-GO: Intercom, 2019.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 35-82